Para onde vai Anna Máscolo?

Manuela de Azevedo

Poderia dizer-se que há mais de trinta anos se procura um plano de ensino da dança em Portugal. Que em 1974, a experiência levada ao Conservatório por um grupo de trabalho a que presidia Madalena de Azeredo Perdigão, devia ter um desfecho conclusivo que o pós-25 de Abril fez esquecer ou subverteu de tal modo que, dir-se-ia, no edifício da Rua dos Caetanos não ter ficado pedra sobre pedra. E que está longe de se ter conseguido um método correcto de ensino. Todavia, muitos anos antes de 1974, já numa série de encontros realizados sob os auspícios da Gulbenkian se debatera em profundidade o que devia ser um programa para obter em todas as escolas, a partir da pré-primária, uma prática balética, não para fazer bailarinos, mas para levar a criança a descobrir-se a si própria.

Hoje, Abril de 1980, ainda é possível qualquer um mais ousado abrir um estudio de dança, ensinar o que não sabe, aleijar crianças, exercer profissão para a qual não tem preparação pedagógica e da técnica possuir uns maus princípios. Clubes, associações de vária ordem, não têm um ponto de referência para saber onde devem recrutar um professor diplomado competente. São ainda os do tempo do empirismo e do pioneirismo os mais creditados aos olhos dos leigos.

Todavia, quantos planos e quantos bailarinos apresentaram trabalhos, a nível nacional ou particular de uma escola, ás entidades oficiais presumivelmente competentes? E dentro deste panorama, enfeudado a pessoas ou quadros, como se processa o ensino da dança em Portugal?

Poderá entender-se, se se disser que a mais importante das nossas escolas de dança, fundada e d rivida por Anna Máscolo, está em riscos de fechar. E isto porque aquela bailarina, de um raro sentido pedagógico e profissional, se confessa cansada de lutar. E' assim com ela, foi assim com Isabel Santa Rosa e Carlos Trincheiras. De vez em quando, faz-se uma espécie de segregação e expulsam-se do meio alguns dos melhores valores.

Por isso Anna Máscolo reuniu á sua volta os pais dos seus alunos. Seriam quase uma centena. As perguntas que lhes pôs foram estas: «Interessa aos vossos filhos manter uma escola como esta? Que alternativas sugerem: escola de intenções puramente estéticas, para formação profissional ou capaz de englobar ambas as intenções?»

Pois bem, se de um modo ou de outro concluem que esta escola interessa aos vossos filhos por motivos puramente estético-educativos ou profissionais, é preciso que lutem pela sua sobrevivência, pois ela, Anna Máscolo, não pode rem considera digno de si própria continuar a lutar por uma causa em que tudo vai perdendo sem nada ganhar. Pelo contrário... Só ela sabe, não é?

No Ministério da Educação estão os planos por ela elaborados (gratuitamente com sacrifício de horas nocturnas de repouso), a solicitação daquele d e p a r t a m e n t o do Estado. Aguarda concretizações, como as aguardou de outros ministérios e ministros. E tudo vai continuando neste marasmo e somando-se neles as consequências. O fim do ano lectivo aproxima-se. Em Outubro poderia recomeçar tudo como está se Anna Máscolo se submetesse ao ambiente. Porque não quer submeter-se, fechará o estúdio e ficará a leccionar em Itália (os jornais lá chamamna «famosa») onde tem regido, sem problemas, cursos de Verão para a Academia Internacional de D a n ç a (Roma). Acietará um dos convites para ficar. E o Estudio de Dança Clássica Anna Máscolo, donde saíram alguns dos melhores bailarinos portugueses, encerrar-se-á, se os pais dos alunos (os prejudicados) não se lançarem numa luta comum, pela educação dos seus filhos.

Pois, não é verdade que as escolas de dança não exercem hoje uma força catalisadora que até ás vezes pode desviar a d o l e s c e n t e s de solicitações perniciosas, ao ocupar-lhes tempos livres?

A' volta de Anna Máscolo, gerou-se imediatamente um movimento de solidariedade. Resolveu-se criar uma associação de pais, a partir da Comissão de Pais que funciona na escola. Serão esses que irão aos departamentos ministeriais saber onde estão os processos, por que não se tomam decisões, serão esses que por si ou em abaixo-assinados i r ã o exigir uma solução para as propostas da escola de seus filhos: para começar, a declaração de utilidade publica, com todas as consequências que a classificação arraste; alargamento da concessão de bolsas de estudo, meios de acção para que os alunos dos cursos adiantados ou mesmo na pós-formatura constituam um grupo de trabalho nas escolas, ao longo do País. Jovens a dançar para jovens oferecem menos riscos de repudio por parte dos alunos das escolas visitadas.

Têm, pois, a palavra os pais dos alunos. Terão que dar-lhes a resposta as entidades oficiais. Para que não se diga que continuamos a exportar daqueles que menos temos: os bons e altamente especializados. Para que não se pergunte para onde vai Anna Máscolo, ao cabo de vinte e dois anos à frente de um estúdio, recomendado pelos grandes bailarinos e «maitres» de «ballet» que nos visitam. Porque é o unico que pela sua competência pode orientar um curso de profissionais. Por esse profissionalismo, por essa competência, Anna Máscolo abandonou no estrangeiro uma carreira de bailarina clássica que podia ter atingido grande altura. Quem, em Portugal, lhe reconheceu esse mérito?

E' preciso ler os jornais italianos, para se ter a medida do seu prestígio em Itália...

Ana Máscolo